VIDA CARREIRA PROFISSÃO LETRAS¹

Maria Irene Ramalho

Universidade de Coimbra

Quando a minha prima Gi e eu éramos alunas do Liceu Nacional Sá de Miranda em Braga na década de 1950, ela sabia tudo sobre o meu futuro. Eu nunca me casaria nem teria filhos porque as professoras do liceu não se casam nem têm filhos, e eu ia de certeza ser professora do liceu. Eu era boa aluna, ela nem tanto, e media a excelência feminina pelo exemplo e saber de algumas boas professoras solteiras que tínhamos na altura. E nos ensinavam tudo. Dez anos depois, quando, já casada e à espera do meu primeiro filho, fui convidada por Paulo Quintela para sua assistente de Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (então era assim, recebia-se um convite...), houve quem na família (sem saber da profecia da Gi) se espantasse com tamanha promoção e se perguntasse se não teria sido suficiente a mulher de um assistente da Faculdade de Direito, com a óbvia obrigação de lhe fazer o lar, contentar-se com a suposta menor responsabilidade e cansaço de um lugar de professora do liceu (era assim o sexismo da altura – e de hoje). Teria a Gi gostado de ver a sua profecia realizada? Julgo que não. A Gi acompanhou sempre com carinho e alguma admiração a minha trajectória profissional, abalançando-se ela própria muito mais tarde, depois de anos como professora do liceu, a um doutoramento em Educação Artística no Reino

¹ Por vontade expressa da autora, este artigo segue a antiga ortografia.

Unido sobre o figurado de Galegos (Barcelos), e acedendo também à experiência outra, não necessariamente «superior», do ensino universitário. Trocámos muitas vezes as nossas impressões, boas e más, do que ia acontecendo nas nossas respectivas áreas. Ela preocupava-se com a hierarquização das artes, eu, com o crescente desprestígio social das letras na nossa cultura.

Ao longo de toda a minha carreira de professora de literaturas e culturas de expressão inglesa na FLUC, lutei sempre contra a convicção corrente, na universidade e fora dela, ontem como hoje, de que «letras são tretas». A crise das Humanidades começa aí. A falta de respeito pelo estudo da cultura, falta de respeito, sobretudo, pelo rigor dos textos de literatura de ficção (a que doravante chamarei *poesia*) e pelo mester de quem se dedica a *dar a conhecer* as artes da língua e o que de nós, humanos, da vida e do mundo a poesia revela. Nesse tempo, era mais fácil um finalista de Direito arranjar emprego temporário num liceu como professor de Português, ou até de Francês ou Inglês ou Alemão, do que uma finalista de Letras. Como se dizia na minha Ladeira das Alpenduradas, doutores são os advogados e os médicos.

Duas ou três décadas mais tarde, houve um momento em que a má consciência das «tretas» descobriu para as «letras» a legitimidade dos chamados «estudos culturais». Era o desejo de encontrar na «inutilidade» da poesia a desejada relevância social. Como se ela não tivesse lá estado sempre! «O menino de sua mãe» de Pessoa, tal como «Le dormeur du val» de Rimbaud, que o inspira, é um libelo contra a inútil violência letal da guerra. E talvez essa obscenidade que são as guerras do nosso tempo, esse «terrorismo com orçamento» para o qual continua a não ver-se fim (que é feito do Kellog/Briand Pact de 1928?), nunca tenha sido tão esplendidamente denunciado como em «The Christmas Truce. A Poem for Armistice Day», de Carol Ann Duffy, publicado em *The Guardian* em 12 de Novembro de 2011, o dia a seguir ao Dia do Armistício. Cito a antepenúltima estrofe:

They buried the dead then, hacked spades
 into hard earth
 again and again, till a score of men
 were at rest, identified, blessed.
Der Herr ist mein Hirt ... my shepherd, I shall not want.

Repare-se na subtileza com que a poeta suspende a distinção entre os adversários, que o são porque assim foram feitos por poderes que os transcendem, sublinhando as fundas afinidades da cultura, de que é aqui exemplo o Salmo de David – «O Senhor é o meu pastor, nada me faltará». Ao mesmo tempo, o poema habilmente faz do esforço posto por uns e por outros na árdua tarefa de enterrar os seus inúmeros mortos correlato do próprio esforço de guerra – furar com força e repetidamente a terra dura (note-se a aliteração «hack»/«hard») para supostamente atingir a paz, que não é senão a própria morte (veja-se a ironia pungente da rima interna «rest»/«blessed»).

Os estudos culturais estudam a cultura, que é o que o estudo da poesia igualmente faz. Não senti eu necessidade de reivindicar a poesia para os Estudos Americanos, a cujas teorias tenho dedicado também a minha investigação e docência? E não defendi eu um dia, pouco antes da criação na FLUC do programa de Estudos Feministas, que o poético é feminista? Perder de vista a especificidade do texto poético, porém, é captar apenas, na suposta transparência da língua, factos, dados e informação. Na sua opacidade, o texto poético pergunta pela própria língua, pelo que a língua diz no que não diz. Foi para relembrar isso mesmo que, em 1999, eu e o António Sousa Ribeiro publicámos aquele artigo intitulado «Dos estudos literários aos estudos culturais?»², que muita gente tem citado, mas quase sem-

2 António Sousa Ribeiro e Maria Irene Ramalho, «Dos Estudos Literários aos Estudos Culturais?», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 52-53 (1999): 61-83.

pre sem o ponto de interrogação. Estudos culturais e estudos literários são coisas diferentes, ambas relevantes, mas reduzir os estudos literários aos estudos culturais é estrangular a necessária, indispensável gratuidade da imaginação criadora que de nós faz verdadeiramente humanos. Nunca me cansei de citar aqueles versos da fala de Lear reclamando a superfluidade dos mendigos («O, reason not the need: our basest beggars/ Are in the poorest thing superfluous:/ Allow not nature more than nature needs,/ Man's life's as cheap as beasts»). Nem me cansei jamais de organizar poetas (<http://www1.ci.uc.pt/poetas/home.htm>). Considerámos sempre, eu e os meus queridos colegas co-organizadores, que os Encontros Internacionais de Poetas são parte integrante da nossa missão universitária como professores e investigadores. Uma brincadeira jornalística por ocasião de um dos Encontros, invocando parodisticamente o Milagre das Rosas para tentar perceber a invasão da cidade por poetas de todo o mundo («São poetas, Senhor!»), fala da necessidade absoluta do sentido profundo do que se diz gratuito ou supérfluo.

Sublinhei em cima *dar a conhecer* – a língua, a literatura, a poesia – porque não sei falar de ensinar. De resto, nunca entendi a minha missão de professora como *ensinar*, antes, como *deixar aprender*. Quando muito, *ensinar a aprender*. E é isso que procuramos fazer nas chamadas Letras: ensinar a aprender pela leitura escrupulosamente crítica de textos que põem no máximo rigor da língua, da concepção e da composição o empenho todo. Ensinar a aprender também pela precisão da escrita com que se pratica a tarefa difícil de falar sobre poesia.

Falo aqui de coisas a que a sociedade e as instituições dão cada vez menos valor. Os nossos temas não são considerados prioritários ou sequer relevantes, os nossos projectos não são aprovados, a nossa investigação não é financiada. E não só em Portugal. Nos Estados Unidos da América, não têm conta os programas de línguas, literaturas e culturas estrangeiras que fecharam ou se encontram à mín-

gua de financiamento adequado. O desemprego grassa no país, como é sabido, mas os mais atingidos dos doutorados são os especialistas de Humanidades. Na Universidade de Wisconsin-Madison, onde há muito tempo venho partilhando também o que julgo saber, o Departamento de Literatura Comparada, que me acolhe, luta há anos contra a iminência do descalabro total: sem aparente ligação à chamada vida real (que é hoje despudoradamente a da especulação financeira e do lucro), a poesia, porque obriga a pensar criticamente, é considerada mais do que inútil – perigosa. Impedido de fazer novas contratações, o Departamento tem vindo a encolher assustadoramente. Recentemente, em desespero de causa, adoptou uma interessante estratégia de sobrevivência: a fusão com o programa de estudos de cultura popular (*Folklore*). Dos estudos literários aos estudos culturais? Não necessariamente. Não está a poesia repleta de mitos, crenças, canções, ritos e sabedoria da cultura popular? Não temos nós o *Romanço* de Almeida Garrett e não foram a «Nau Catrineta» e a «Bela Infanta» dar também sentido à «Ode Marítima»? O próprio Pessoa fez versos «em modo menor» em cerca de quatrocentas «Quadras ao gosto popular». E escreveu baladas, como esta, tão faceira quanto ominosa, com que termino:

Pia, pia, pia
 O mocho,
 Que pertencia
 A um coxo
 Zangou-se o coxo
 Um dia,
 E meteu o mocho
 Na pia, pia, pia ...